

# REVISTA DE CABO VERDE

EDITOR RESPONSÁVEL  
Abílio da Cruz Madeira

Director — L. LOFF DE VASCONCELLOS  
S. Vicente de Cabo Verde

IMP. DE LIBANIO DA SILVA  
R. do Norte, 91 — LISBOA

## IMPREVIDENCIA

\* Por não haver em S. Vicente uma estufa apropriada, ou forninhos com sufficiente capacidade para a desinfectação de malas do correio, seguiu para a cidade da Praia num navio de vela afretado pelo governo, a mala de um dos vapores da companhia do Pacifico, chegado aqui do Norte no dia 21 de agosto. para ser desinfectada ali, por estarem sujeitas a rigores quarentenarios todas as procedencias de Portugal, em consequencia de se ter manifestado na cidade do Porto a peste bubonica.

Custa a acreditar que se não tivesse pensado em montar até hoje em S. Vicente uma estufa em boas condições para desinfectação, e que fôsse necessario agora transportar as malas destinadas a S. Vicente, para a cidade da Praia, afim d'ali serem desinfectadas, com graves prejuizos para o commercio d'esta ilha.

A cidade da Praia, onde aportam apenas alguns vapores, possui uma estufa apropriada, e a ilha de S. Vicente, que é visitada diariamente por navios de todas as procedencias, não tem meios de fazer a desinfectação de malas volumosas!

São estas e outras imprevidencias que concorrem para o descredito de governantes e governados do nosso paiz, e que nos acarretam enormes males e prejuizos.

É tambem á sombra d'estes descuidos que as Canárias vão medrando e attrahindo uma boa parte da navegação que devia tocar no nosso porto, e que dia a dia se desvia para aquella colonia hespanhola.

Urge, pois, tomar immediatas providencias para que a ilha de S. Vicente esteja em condições de receber, sem perigo, malas e passageiros dos portos infectados de doenças contagiosas, para que os factos que vimos de referir, se não repitam.

Applique-se metade, só metade, dos rendimentos de S. Vicente em melhoramentos locais de que ella carece, e não será favor nenhum.

Dotar, porém, a cidade da Praia, a capital, com largos melhoramentos á custa de S. Vicente, e votar esta ilha ao abandono, sobre ser um condemnavel proceder politico, administrativo e economico, é uma revoltante injustiça, é um acto contrario aos bons principios de moralidade administrativa e que depõe até contra todos os habitantes de S. Vicente, que teem tolerado de longa data o exgottamento dos seus rendimentos, em proveito da capital, d'essa capital que lhes leva todo o dinheiro para o saneamento dos seus pestiferos e inextinguiveis pantanos e sumptuosidade das suas repartições publicas, sem proveito nenhum para a provincia, porque condemnada como está a fundação da capital na cidade da Praia, inutil se torna todo esse dinheiro dispendido com um moribundo, cuja agonia se faz sentir já ha muitos annos, e que renderá a alma ao Creador no dia em que S. Vicente lhe fechar as

portas, mettendo-o no regimen que convém aos dyspepticos.

O corpo consular e o commercial de S. Vicente, expediram hontem ao sr. ministro da marinha e ultramar um telegramma relatando os casos graves que se estão dando e que exigem promptas medidas, para que este porto não seja considerado pelos governos estrangeiros, suspeito de peste bubonica, como o está sendo já por alguns, e ainda pediram a presença do governador n'esta ilha, para resolver de prompto todos os casos que se forem dando sobre o assumpto.

Até agora ainda não se recebeu a resposta do ministro.

Tudo o que se está passando, pois, bem demonstra a conveniencia da estada permanente do governador em S. Vicente, onde frequentemente os negocios publicos e outros interesses, em que estão ligados os de toda a provincia, reclamam a sua presença.

Não ha onde fugir: a mudança da capital é uma necessidade, é uma medida que se impõe e que todos os dias está sendo exigida pelos interesses geraes da provincia, e Deus queira que um dia o governo não tenha de se arrepender de não ter ponderado este assumpto a tempo de evitar irreparaveis calamidades.

O DIRECTOR.

## MENTIRAS

Num relatório que abre uma proposta de lei relativa ás provincias ultramarinas, leio o seguinte:

«É de transcendente importancia o nosso problema colonial sob qualquer aspecto que se encare: economico, financeiro e politico,

«Basta attender na vastidão das nossas colonias e sobretudo nos exceptionaes elementos de producção e de commercio que quasi todas, senão todas, offerecem, para que se fortaleça no nosso animo a esperanza de que, sabendo aproveitar successivamente esses elementos, transformaremos a vida economica do paiz, alargando-lhe a esphera de acção, e poderemos contar com recursos que prudentemente applicados, affastem por completo os receios de futuras difficuldades financeiras.»

Essa transcendencia da questão colonial, n'aquella acepção que os actos anteriores e os propositos mal dissimulados da alta governança apresentam como mais proxima da verdade, deve-a o espirito desilludido do publico facilmente transcender com a comprehensão. Porque, — força é confessar, — de ha muito, posto que tardiamente, nos alcançou a convicção de que, para nos encouraçarmos contra os feros golpes da decepção e males correspondentes, devemos, sempre, pôr de rigorosa quarentena todas essas boas intenções com que a rouca tuba da declamação official, nos apresenta cada dia, como redemptora, uma reforma. Uma pesa-

da atmosphera de descredito emfumaça os negocios publicos, asphixia a aparvalhada ingenuidade das multidões sacrificadas pelo impatriotismo dos governos; e não deixa que o óco farelorio official seja tomado a sério.

Ninguém, já hoje, acredita nos ouropeis da prosa governamental.

Ninguém tem fé nas cabalas dos safados e desprestigiados Abracadabras da politica. E se ninguém confia, não será porque nada inspira confiança?

Os primeiros pensamentos que se succedem á leitura das linhas acima, illuminam d'esperanças o coração: — Voltam, sensatamente, os nossos governantes, a encarar, pelo seu lado mais abordable, o problema vital da nação. O futuro está na Africa. Está nas encantadas riquezas de Angola, Guiné e Moçambique. Caminhos de ferro, companhias de exploração, leis protectoras do commercio, industria e agricultura; tudo para a Africa, porque da Africa é que hade vir tudo.

Pensando, porém, um bocadinho, desvanece-se, como por encanto; a visão. Nada auctorisa a acreditar no palavroso patriotismo, na mentira dos partidos, que timoneando a desconjuntada nau do Estado, se tem imposto ao desprezo de todos os que amam a sua patria e que a contemplam levada de rastos por essa via dolorosa d'uma vergonhosissima existencia politica.

Onde está a mais pequena medida governativa que leve a acreditar nas mentiras do governo?

Onde a protecção á agricultura, ao commercio, á industria? Onde estão os sacrificios feitos para semear hoje e colher amanhã? Onde a solicitude, o amor da mãe patria? Mostrem-me tudo isso; que eu quero mesmo acreditar em cousas menos dolorosas, menos lugubres que tudo isso que vejo e que me esmaga o coração.

Só vejo crearem-se difficuldades no commercio; voltar-se ao desprezo a agricultura; erguerem-se absurdos intransmontaveis á iniciativa particular. Só vejo o afan de esfolar, de levar couro e cabelo; augmento

assustador de contribuições; infamissimo cerceamento de liberdades.

E', o governo, um horrivel inquilino que, perante a perspectiva d'um despejo, trata de destruir antes de se mudar: arranca os tabiques, tira as vidraças; escreve, a carvão, cousas obscenas pelas paredes, corrompe tudo, suja tudo, esgarra em tudo, porque, afinal, tudo pelo direito da força e pela força da cobardia, é alheio!

Eis porque, as palavras do ministro, — do sabio ministro como é praxe dizer-se, por mais cavalgadura que seja o aventureiro, guindado ás eminencias do poder, — não trazem ao nosso animo nenhuma esperança que adoce este travo de angustias, nenhuma aurora que anuncie um dia mais lavado de nuvens.

Entre nós, uma reforma, uma lei nova, passou a ser uma ameaça. Porque, cada reforma que resurte leva uma porção de liberdade outorgada pela lei fundamental do paiz e enterra mais um palmo de ferro no ventre do agonizante contribuinte.

A verdade é que, nas actuaes circumstancias, o paiz não pode aspirar a uma salutar transformação na sua vida economica, nem tampouco, á reassumpção do papel que desempenhou nos felizes tempos em que os seus esforçados filhos empenhavam barbas para lhe sustentar os creditos; tempos tão differentes d'estes que atravessamos, em que os seus degenerados filhos se abarbam com a infamia para lhe desbaratar os creditos e a honra.

E. TAVARES.

## Exposição de Paris de 1900

Faz-se condigamente representar a provincia de Cabo Verde, na exposição de Paris em 1900.

Lá, n'um cantinho d'aquella immensa feira cosmopolita, a par com as pasmosas descobertas de um seculo cheio de luz, Cabo Verde exhibe os seus productos e

### FOLHETIM

## AMORES D'UMA CREOLA

POR  
ANTONIO DE ARTEAGA

(Continuado do n.º 11)

— Bem e mal. Hoje um pouco aborrecido, tendo de passar aqui a noite, enquanto lá em baixo se vão divertir e dançar. Se não fossem esses dois malditos navios suspeitos, que desde bontem bordejam para lá da *Ribeira do Inferno*, sem darem bandeira á terra, iria um bocado a casa de Manoel Gomes.

— Então suspeitam d'esses navios? exclamou Rogerio.

— Suspeitamos que sejam piratas, e por isso esta noite temos dobrado as vigias e tudo está preparado para um caso de surpresa.

— Adeus, sr. Gervasio.

— Boas noites, meus caros amigos.

Os cavalleiros seguiram pelo caminho em zig-zag que desce á cidade; pararam na segunda volta e deixaram um olhar para o mar.

— Vês alguma coisa? perguntou Rogerio.

— Não.

— Olha bem na direcção da ilha do Fogo, um pouco ao largo da ponta da Janella. Não vês como dois vultos brancos?

— Sim, vejo. São naturalmente os dois navios de que fallava o nosso tenente.

Olhando para baixo apenas se distinguia, no escuro do valle, uma ou outra luz. Afastada da cathedral via-se uma casa brilhantemente illuminada.

Das suas janellas partiam fôcos de luz que, atravessando a atmosphera, carregada de humidade, — pois cahia um pequeno chuvisco — produziam uns raios de uma cor bassa que se filtravam até á praia. Era a habitação de Manoel Gomes.

— Não sei, Frederico, como Manoel Gomes te convidou para o baile, depois do que se tem passado a teu respeito!

— Bem vês que sendo eu das suas relações ha muitos annos, e estando ligado com as mais importantes familias da cidade, não podia deixar de me convidar, embora isso fosse contra os seus projectos.

— E não receias alguma cilada?

— Não. Estou até satisfeito, pois deve hoje decidir-se da sorte de Maria e preciso ali estar. Antonio, o meu fiel creado, espera-me, á primeira voz, com os cavallos ao lado do convento e, se fôr preciso, fugirei com Maria esta noite mesmo.

O ceu eslava carregado. N'aquelle momento, para o quadrante do sul, o brilho de um relampago fez vêr perfeitamente para o norte dois navios á vela.

— Apressemos o passo, disse Frederico, a chuva aperta. E, dizendo isto, metteram a trote os cavallos

as suas industrias, que, embora fabricados por processos rudimentares, não deixarão de ser apreciados.

A' iniciativa do governo, seja dito em abono da verdade, se deve este resultado, porque a iniciativa particular foi nula. Nem se animaram os agricultores e industriaes a vir concorrer á exposiçãõ e, o que é mais, nem corresponderam ao appello que lhes foi feito pelas commissões. Alguns vieram apresentar os seus magnificos productos, mas foram muito poucos, em relação ao grande numero dos indifferentes.

Ao trabalho e boa vontade da commissão central, principalmente da commissão executiva, se deve tambem uma boa parte da representaçãõ de Cabo Verde.

No pouco tempo que estiveram expostos os productos, tivemos occasiãõ de vêr a representaçãõ de todas as ilhas.

A ilha de S. Thiago com café, aguardentes variadas, milho, legumes diversos, photographias, tecidos, balaios, cestos, filamentos de coqueiro e de piteira, asucar, madeiras, semente de purgueira, cilhas, cordas e abardas.

A ilha de Santo Antão com café, aguas mineraes, pelles curtidas, legumes, aguardentes e plantas medicinaes.

A ilha Brava com as suas lindas colchas de lã e de algodão, chapéus e cigarreiras de folha de palmeira, manteiga, cal e balaios.

A ilha do Fogo com magnificas amostras de café, tabaco, pannos tecidos, cortes de calças de bons padrões, colchas, chapéus, productos vulcanicos e rendas.

A ilha de S. Nicolau com bellas amostras de farinha de mandioca, legumes, aguardentes oleo de baleia, vinho de laranja, café, rendas e bordados, colchas, tecidos diversos, pelles curtidas e uma grande variedade de obras feitas com sementinhas, trabalho este de gosto e novidade.

A ilha da Boa Vista com peixe secco, colchas e tecidos, lã de carneiro, bombardeira, purgueira, pelles de cabra, sal e louça de barro.

As ilhas do Sal e Maio com mel de magnificas qualidades, pelles e urzella.

pela calçada do forte, chegando rapidamente a uma casa junto ao quartel da tropa, onde se recolheram.

Deixemos os dois amigos descançar da jornada e mudar de roupa e vejamos o que se passa em casa de Manuel Gomes, onde uma boa parte das familias da Ribeira Grande já se achava reunidas.

.....

A sala grande da casa de Manuel Gomes, com as suas dez janellas, que olhavam para a rua do Senado e para a espaçosa varanda, achava-se fartamente illuminada. Um enorme lustre de vidro, ao centro, coava a luz das suas cincoenta velas, pelos prismas de crystal. Nos contadores de madeira do Brazil, enormes candieiros de bronze cinzellado, projectavam pallida luz. Jarras de flores, quadros antigos, alguns de valor, cadeiras de mogno em relevos com espaldar de couro e pregadura de metal, completavam o resto da ornamentaçãõ da sala de baile.

Na varanda algumas bananeiras e folhas de coqueiro, symetricamente dispostas, recebiam a luz de enormes lampeões de metal amarello. Ali alguns musicos afinavam as suas rebecas e violas.

A sala estava cheia de damas e cavalheiros. Ali vamos encontrar o que ha de mais escolhido na aristocratica sociedade da Ribeira Grande. Entre muitas notabilidades que passeavam no salão, notaremos o capitão mór da praça Manuel Fidalgo d'Almeida, o

D'esta ultima ilha vimos um quadro feito a sal chris-talisado, tendo ao centro, em numeros de 0,50, escripto 1900.

Tambem nos mereceu especial reparo, um quadro exposto pelo sr. Viriato da Fonseca, e que são algumas musicas populares indigenas, cercadas por figuras allegoricas e arabescos, feitos á penna, tendo duas figuras de indigenas tocando arpa e cimbó.

E' um trabalho de muita habilidade e paciencia.

Os productos perfeitamente encaixotados seguem para Lisboa no vapor *Cazengo*. São 56 volumes de grandes dimensões.

Os objectos e productos, com destino á exposiçãõ, são acompanhados de esclarecimentos importantes, estatisticos e monographicos.

\*  
\* \*

A visita que fizemos ao edificio onde estavam os productos de Cabo Verde fez-nos reviver uma idéa, já antiga e que não é nossa, de crear exposições permanentes nas sédes das duas alfandegas dos principaes productos agricolas e da industria da provincia.

Essa medida pouca dispendiosa teria duas notaveis vantagens: tornar conhecidos dos nacionaes e estrangeiros, que visitem a provincia, os nossos productos coloniaes, e ter sempre promptas amostras que podiam, sem mais trabalho, ir figurar em qualquer exposiçãõ internacional ou universal, pois que se reuniriam logo novos productos para as exposições permanentes da provincia.

Muitos estranhos procuram, quando visitam a cidade da Praia, conhecer os productos do paiz, seus preços, sua applicaçãõ, quantidade que produz annualmente e outros muitos esclarecimentos, que interessa a elles saber e que muito mais interessaria a nós poder fornecer com exactidãõ e clareza.

As exposições permanentes suppririam esta falta.

ouvidor João Vieira de Andrade, o condestavel da cidade Luiz Varella dos Santos, o coronel de infantaria Bezerra, o major Alvares Gomes e os capitães Athouguia e Pires.

Por entre as damas animando a conversaçãõ viam-se os vereadores da camara, o major José Tavares de Mello, os conegos frei José do Espirito Santo e frei João de Deus.

N'uma sala proxima jogavam o voltarete o capitão general, governador das ilhas, Marcellino Freire de Avila, com o bispo D. João, o corregedor José Ramires do Couto e Thomé da Veiga.

Manuel Gomes fazia as honras da casa, trazendo, pendente da casaca, a cruz de Christo, como cavalleiro professo que era d'aquelle ordem.

Os musicos, depois de terem dado varias arcadas, correndo todos os tons maiores e menores, começaram a tocar uma das valsas que faziam as delicias d'aquelle tempo e em que o valsista demonstrava a sua pericia pela certeza do compasso feito com o bico e o tacão da bota.

Maria da Veiga, a joven creola, lá estava triste mas sempre bella. Apenas ouviu os primeiros preludios da valsa fez um pequeno signal a Frederico de Mello. Thimoteo Gomes, percebendo isso, dirigiu-se para ella, mas Frederico chegou primeiro, cumprimentou Maria e dando-lhe o braço entrou no turbilhão da valsa.

(Continúa).

Ahi fica registada a idéa, desejando que ella vingue e se realise.

A.

## A MUDANÇA DA CAPITAL

Julgavamos já de todo morta a idéa da mudança da capital para S. Vicente, depois dos poderes superiores reconhecerem e os habitantes d'aquella ilha se convencerem de que havia inconvenientes, e grandes, em se levar a effeito uma medida que tão fundamente affectaria o desenvolvimento e progresso d'esta provincia; mas, por circumstancias que ignoramos, têm querido reviver essa idéa, ha tanto tempo posta de parte por inconveniente e impraticavel, quando é certo que não nos consta que deixassem de existir as razões que se impõem para a permanencia da capital n'esta cidade da Praia.

A ilha de S. Vicente, se pelo seu amplo porto e pela sua posição geographica parece talhada para a capital da provincia, pelos seus recursos proprios, pela sua população e finalmente por trinta mil inconvenientes não o pode ser.

Não é nosso intento entrarmos em discussão com os partidarios da mudança da capital, tanto mais que nós, por conveniencia propria, muito desejaríamos que a capital passasse para S. Vicente, onde nos prende familia e onde uma residencia permanente de muitos annos nos despertou n'alma uma sincera affeição por aquella ilha e nos favoreceu o ensino de conhecermos o quanto os seus habitantes são bondosos e trabalhadores. Mas, como filho d'esta provincia, tendo de expender a nossa humilde opinião em prol d'ella, forçoso nos é confessar que reconhecemos grandes inconvenientes n'essa mudança, pois que as difficuldades para a sua realisação não consistem, a nosso ver, apenas no encaixamento da papellada velha da secretaria geral do governo e repartição de fazenda provincial, como se tem dito, mas em muitas coisas mais importantes e sérias, algumas das quaes passamos a expôr:

1.<sup>a</sup>—No grande dispendio para construcções e reconstrucções de edificios apropriados para repartições publicas, palacio do governo, etc., etc., pois que, sendo a cidade do Mindello visitada tão frequentemente pelos estrangeiros, e sendo a arte a reguladora da civilisação e progresso d'um povo, é indispensavel que essas construcções revelem alguma arte, para que esses mesmos estrangeiros possam melhor aferir, ou antes, formar um juizo mais ou menos lisonjeiro do grau de civilisação e adiantamento d'esta provincia.

2.<sup>a</sup>—No augmento de vencimento aos governadores e a todos os funcionarios publicos, pois que, provado está, que com os actuaes vencimentos não podem os governadores viver em S. Vicente; e tanto assim é, que o actual chefe da provincia, sendo obrigado, por circumstancias de todos conhecidas, a permanecer n'aquella cidade, foi-lhe superiormente auctorisada uma gratificação extraordinaria, porque, do contrario, com os vencimentos que actualmente têm os governadores, difficil, senão impossivel, seria a vida do chefe da provincia, fixando sua residencia na cidade do Mindello, onde constantemente tem a receber o estado maior dos navios de guerra estrangeiros e onde, portanto, tem de se manter á altura do representante de uma colonia civilisada e mais ou menos prospera.

Ora, se isto succede com os governadores, que têm um vencimento relativamente melhor, e muitas vezes menos pessoas de familia, o que não seria com os pobres funcionarios publicos que mal ganham para

viver na cidade da Praia, onde já têm casa e onde tudo é relativamente mais barato!

Obrigar esses servidores do Estado a sacrificios de gastarem mais do que ganham?!

Obrigar a aposentar os que já têm os annos de serviço e que ainda podem trabalhar?

Obrigar a pedir exoneração aos que, infelizmente, ainda não têm o tempo para aposentação?

No primeiro caso, seria collocar o functionalismo, que deve ser uma classe independente, na dependencia dos commerciantes e particulares, do que, decerto, não adviriam lucros para a provincia.

No segundo caso, traria á provincia duplicação consideravel de despeza, pois que, muitos seriam elles a aposentarem-se.

E no terceiro caso, seria injusto e contra a boa marcha do serviço publico, pois que, penoso seria para aquellos que já contam alguns annos de bom serviço, o prejuizo dos directos adquiridos a custo de arduo trabalho,—e prejudicial para a provincia que veria fóra da administração dos seus negocios, individuos já experimentados e praticos.

3.<sup>a</sup>—Concorrer para a completa decadencia e abandono da ilha de S. Thiago, sem duvida a mais populosa e rica do archipelago e a que, sob as vistas de um governador activo e intelligente, secundado pelos esforços e boa vontade dos commerciantes, proprietarios e agricultores, e auxiliada pelo governo da metropole, pode, dentro em poucos annos, desenvolver consideravelmente a sua importancia agricola e commercial. e, portanto, a receita da provincia.

4.<sup>a</sup>—Deixar em abandono os edificios já apropriados para repartições publicas, que centenas de contos custaram á provincia, e sabe Deus com que sacrificios.

\*

Desde o momento em que a mudança da capital vae completar a importancia commercial de S. Vicente, levando-lhe novos elementos de vida, é porque se tira alguma importancia commercial á Praia e d'esta alguns elementos de vida, o que deixava de surtir os effeitos desejados, pois que, completar a importancia de S. Vicente, tirando importancia á ilha de S. Thiago, não nos parece medida sensata, equitativa e justa.

Se a alta burocracia pode em S. Vicente, que não tem os elementos precisos, discutir e estudar os melhoramentos materiaes e o aperfeçoamento moral da provincia, melhor o fará na cidade da Praia, onde se encontram esses elementos de civilisação, de progresso e de riquezas existentes.

Se a cidade do Mindello está em communicação directa com a metropole, a cidade da Praia não o está menos, desde que o cabo submarino é o mesmo.

Para vigiar as intenções (que têm sido sempre boas) dos navios de guerra estrangeiros que visitam o porto de S. Vicente, parecem-nos mais do que sufficientes as auctoridades que ora residem n'aquella cidade, ás quaes não faltarão, decerto, perspicacia e intelligencia.

E, se em S. Vicente se está operando a desnacionalisação politica e material, como querem que a alta burocracia vá aproveitar esses elementos de civilisação e progresso para melhor discutir e estudar os melhoramentos materiaes e o aperfeçoamento moral da provincia?!

Proveitosa moralidade sabiria do seio de um povo desnacionalisado!

Finalmente, a ilha de S. Thiago, pela sua importancia agricola e commercial, pela sua população, pelo seu desenvolvimento moral e material, pelo grau de

civilização e progresso, e ainda pela sua tradição, impõe-se como capital da provincia; e o ministro que decretasse tão desacertada medida, deixaria gravada na historia caboverdeana uma pagina negra da sua carreira politica.

Cidade da Praia.

JOBERAL.

## Manuel dos Reis Borges

Manoel dos Reis Borges, filho de Nicolau dos Reis Borges, natural da Ilha de S. Thiago, foi um dos principaes agricultores e um dos maiores proprietarios do concelho de Santa Catharina.

No centro do seu labor e dos seus trabalhos agriculas, falleceu na *Achada Falcão* em 1894, descrente e cansado de não poder attingir dois fins, que sempre tinha em mira: aperfeiçoar os rudimentares systemas da agricultura e conciliar este povo.

Era um sonhador e perdeu muito tempo e muita rethorica com os indigenas que mal comprehendiam as suas theorias e os seus conselhos. E que os comprehendessem, a falta de instrucção não os deixava sahir da velha rotina, dos usos e costumes herdados de seus paes!

A essa boa vontade de regenerar os seus patricios, reunia um caracter nobre e um coração generoso.

Nas crises alimenticias era o primeiro a abrir os sens celeiros e dar esmolos, a sustentar familias inteiras.

Quando se tratava da cobrança das rendas das suas vastas propriedades, quer o anno fosse mau, quer fosse regular em colheitas, zangava se com os rendeiros remissos, fazia-lhes uma prelecção sobre os deveres do cidadão, mas acabava por lhes dar moratoria e por lhes perdoar parte das rendas.

Desempenhou desinteressadamente varios cargos publicos no concelho de Santa Catharina, pondo sempre a sua actividade á disposição da iniciativa particular ou governativa, quando se tratava de melhoramentos publicos.

Foi um prestante cidadão e que bem mereceu da sua terra.

\* \*

Sepultado no cemiterio da freguezia de Santa Catharina, passados cinco annos, seu irmão David dos Reis Borges, mandou erigir-lhe um mausoleu sobre a sua campa.

No dia 20 de julho ultimo foi resada uma missa suffragando a alma do extinto e em seguida inaugurado e bento o mausoleu no cemiterio.

A esses actos foi dada toda a solemnidade, havendo a elles assistido os conegos Luciano Lobo, José Antonio dos Santos e parochos Fonseca e Innocencio dos Santos, grande numero de parentes e amigos do fallecido, convidados e bastante concurso de povo.

Terminada a missa, dirigiu-se o cortejo ao cemiterio, onde feitas as orações do ritual, foi inaugurado e bento o mausoleu.

Fallaram depois junto á campa os srs. Antonio Innocencio dos Santos, João Rodrigues da Fonseca e o conego sr. Lobo, que leu a seguinte oração:

«Meus senhores. — O respeito e veneração pela memoria dos mortos constituiu em todos os tempos um culto.

«Desde as mumias guardadas em collosaes sarcophagos pelos egypcios, até a artistica elegancia dos

actuaes mausoleus do nosso tempo, esse respeito e veneração se conservam tradicionalmente, ou pela familia dos extinctos ou pelos povos se o morto foi um homem notavel do seu paiz.

«Hoje, senhores, perante esta campa presta-se homenagem á memoria de um illustre extinto filho d'esta terra, que a soube honrar com o seu nome, com o seu trabalho e com o seu exemplo. Presta-se homenagem á memoria de Manoel dos Reis Borges.

«Descançou por fim, pois que toda a sua vida foi cercada de trabalho. E descansou bem perto do centro do seu labor — a Chada Falcão, que elle considerava a porola das suas propriedades e onde assentára residencia effectiva.

«Era alli que elle concentrara toda a sua actividade, onde ouvia e aconselhava os seus rendeiros e os exhortava ao cumprimento dos seus deveres de cidadãos, condemnando o vicio e a indolencia, tão peculiares no interior da ilha de S. Thiago.

«Com o seu exemplo, demonstrou-lhes as vantagens de determinadas culturas, que podiam ser a riqueza d'esta terra.

«E se não conseguiu tanto quanto desejava e era de esperar da sua boa vontade, demonstrou o quanto se interessou pela terra que lhe foi berço e pelos seus patricios, deixando o caminho aberto para outros lhe seguirem o exemplo.

«Isto como agricultor. Como cidadão exerceu varios cargos publicos. Foi administrador e presidente da Camara Municipal do concelho de Santa Catharina, onde deixou vinculado o seu nome. Quando se tratou da abertura e melhoramentos dos caminhos, quer por conta do municipio, quer por conta do governo, lá estava elle desinteressadamente á sua frente dirigindo-os, quiçá, muitas vezes, com prejuizo dos interesses da sua casa.

«Essa dedicação, esse zelo e desinteresse que sempre demonstrou, quando se tratava de qualquer iniciativa ou melhoramento em beneficio da sua terra, valeu-lhe o ser agraciado pelo governo da metropole com os habitos de Christo e da Loureição.

«Quando n'uma das suas ultimas viagens á Europa esteve em Paris, trouxe de lá machinas para distillação da aguardente e refinação de assucar, serração de madeiras, descarga, e limpeza de café e purgueira, todas movidas a vapor. Essas machinas não poude, como era seu desejo, installar-as na chada Falcão, porque tendo peças excessivamente pesadas, não podiam ser transportadas da Ribeira da Barca onde desembarcaram. Censuram-o então de ter inutilmente gasto tantos contos de réis, sabendo que não podia trazer para a *Achada Falcão* as machinas.

«Mas eram injustas taes censuras pois que elle nunca pensou, que projectando-se a construcção de uma estrada d'aquelle porto para o centro agricola da villa, tal estrada nunca se concluisse!

«Era crente de mais. Tinha talvez esse defeito!

«Essa lapide mandada collocar sobre a sua sepultura, por seu irmão, como testemunho de saudade e gratidão, ficará ali lembrando aos que passam diante d'ella o nome de Manoel dos Reis Borges.

«Descança em paz!

\* \*

O sr. David dos Reis Borges desejando dar toda a solemnidade áquelles actos, havia convidado a elles assistirem o governador da provincia e muitos cavalheiros da cidade da Praia, uma parte dos quaes não poude comparecer, pela distancia enorme a que fica da

capital a freguezia de Santa Catharina e por ser esta a epocha das chuvas, em que as jornadas longas são penosas e difficeis.

O facto que acabamos de descrever da commemoração da memoria de Manoel dos Reis Borges, é um bom exemplo a seguir para com outros caboverdeanos illustres e notaveis, pelo trabalho e pelas letras, que para abi jazem obscuramente nos covaes dos cemiterios da provincia.

## A ACÇÃO RELIGIOSA EM CABO VERDE

(Em oppozição ao artigo sob o titulo «Decadencia religiosa» inserto no n.º 3 da «Revista de Cabo Verde».)

A flagrante injustiça feita aos sentimentos religiosos do povo de Cabo Verde pelo sr. Silva Campos no seu artigo publicado no n.º 3, da *Revista de Cabo Verde*, sob o titulo — *Decadencia religiosa* — não pôde nem deve passar sem reparo e energico protesto por parte d'aquelles que se prezam, por isso que não deixou de produzir grande e desagradavel sensação. Não só em Cabo Verde, mas tambem em Lisboa, e deu ali a mais triste idéa do estado religioso d'esta Diocese; e ainda a *Revista Catholica de Vizeu* transcreveu a parte mais vibrante do referido artigo, fazendo lhe commentarios taes, que levam a fazer accreditar que não ha em Cabo Verde um unico padre com geito; mórmente no reino, onde não se faz verdadeira idéa do estado de civilização e progresso de Cabo Verde, cujos habitantes estão mais adiantados que muitos das provincias de Portugal: Quizera que a *Revista Catholica de Vizeu*, transcrevesse tambem esta refutação, em todo ou em parte, visto que fez gosto em trancrever o artigo do sr. Silva Campos, para que seja reparada a injustiça feita ao clero e povo de Cabo Verde, cujos sentimentos pretenderam conspurcar.

Para desfazer pois tão injusta arguição, vou oppôr factos tão palpaveis, que provam de modo peremptorio, o desenvolvimento e progresso que se tem realisado, e vae realisando ha vinte annos a esta parte, no estado religioso da diocese de Cabo Verde, e fallarei em primeiro logar dos melhoramentos materiaes que se tem introduzido, antes de fallar dos melhoramentos religiosos e moraes.

Posto isto comecemos.

Os melhoramentos que se tem introduzido durante o periodo, que o sr. Silva Campos classifica como decadente, provam o contrario do que assevera o illustre articulista.

Quando em 1884 o ex.<sup>mo</sup> e rev.<sup>mo</sup> sr. D. Joaquim Augusto de Barros, entrou na posse do governo d'esta diocese, não havia egrejas; e, se algumas havia, quasi todas em mau estado.

Poucos ecclesiasticos havia á attura da sua missão.

Em 1886 o venerando prelado visitou a ilha mais importante do seu bi-pado, S. Thiago, e na qual encontrou a maior parte das egrejas parochiaes por terra.

Hoje acham se levantadas todas as egrejas da referida ilha. — S. ex.<sup>a</sup> rev.<sup>ma</sup> em todas as allocuções, que dirigira ao povo por occasião da visita, fallava da necessidade da igreja parochial como verdadeira escola de religioso; moral e social.

Em 1889 o ex.<sup>mo</sup> bispo enviou á Guiné um visitador, o muito rev.<sup>o</sup> conego mestre escola, Manuel Antonio Ramalho, acompanhado de dois padres novos, para occorrerem ás necessidades mais urgentes d'a-

quella parte da diocese e iriam tres padres se, poucos dias antes, não tivesse morrido desastradamente, o rev.<sup>o</sup> Lopes da Costa.

Em 1890 sua ex.<sup>a</sup> rev.<sup>ma</sup> visita as ilhas do Fogo e Brava, onde os frutos desejados corresponderam aos fins da visita pastoral.

Em 1894, depois do regresso do reino em 1893, o venerando prelado visitou as ilhas do Sal e Boa-Vista, onde o rev.<sup>o</sup> padre Antonio da Costa Teixeira, hoje conego da Sé, levantou, em dois mezes, a igreja de S. João Baptista e fez muitos reparos e modificações na igreja de Santa Isabel.

Em 1897 sua ex.<sup>a</sup> rev.<sup>ma</sup> visitou a ilha de Santo António, onde teve occasião de apreciar os sentimentos religiosos do povo. Até 1896 apenas havia em Santo António a igreja de Nossa Senhora do Rosario, começada em 1870 e concluida em 1880; não havia, portanto, egrejas no Paúl, onde se funcionava em uma casa arrendada ao estado, desde 1880 por 57\$600 réis annuaes; nem no Coculy, funcionando-se tambem em uma casa, e por fim na capella-mór da igreja, estando o resto descoberto; o mesmo acontecia na Graça e na Ribeira das Patas.

Actualmente acham-se levantadas todas as egrejas da ilha, em numero de 5, e isto devido ao zelo dos respectivos parochos que á mingua de recursos tem concorrido para estas obras com sacrificio proprio.

No Paúl, sua ex.<sup>a</sup> rev.<sup>ma</sup> benzeu a 13 de junho de 1897, a nova igreja de Santo Antonio, levantada pelos exforços e actividade do rev.<sup>o</sup> parcho respectivo, Miguel Antonio Monteiro.

No Coculy (Santo Crucifixo) acha se toda coberta, assoalhada, decente, a respectiva igreja, pelos exforços e zelo do rev.<sup>o</sup> António Manuel de Oliveira.

Na freguezia de S. Pedro, Garça, está levantada a respectiva igreja que breve começará a funcionar.

Em S. João Baptista deu-se começo a uma nova igreja. Na villa de D. Maria Pia vae ser inaugurada a 24 de setembro proximo a nova igreja parochial.

Na ilha de S. Nicolau foi inaugurada em 1895 a nova Sé de Cabo Verde.

Foi renovada a cobertura da igreja da ilha do Sal, em 1895, pelos cuidados do rev.<sup>o</sup> Hermogenes Lopes da Silva.

Em S. Vicente o rev.<sup>o</sup> Luiz Loff Nogueira esmera-se pelo azeio de sua igreja.

No meio de tudo será injusto malsinar a acção religiosa n'esta diocese, taxando de decadente o periodo que atravessamos, quando é certo que é n'este periodo que mais se tem feito em prol da causa catholica. E' por isso que appellamos para os factos que melhor testemunharão a nosso favor.

— Passando a fallar dos melhoramentos religiosos e moraes diremos alguma cousa ácerca da devoção ao SS. Coração de Jesus a quem o Santo Padre Leão XIII consagrou o orbe Catholico, aliás todo o genero humano, pelas letras pontificias — *Annum Sacrum*, de 25 de maio de 1899.

Desde a chegada á diocese do ex.<sup>mo</sup> e rev.<sup>mo</sup> sr. D. Joaquim Augusto de Barros, não tem sido descurada a instrucção religiosa do povo de Cabo Verde. As bellas Pastoraes, que tem emanado das mãos do venerando Prelado, são cheias de unção e zelo apostolica.

Começando pela ilha de S. Nicolau, temos na Capella Episcopal, permanentemente, catechese e instrucção aos adultos, a que se dedica o mesmo ex.<sup>mo</sup> e rev.<sup>mo</sup> sr. Bispo, que em cumprimento de sua missão pastoral, não se poupa a trabalhos para bem de suas ovelhas.

Na seminario, sob a direcção do dignissimo vice-reitor ex.<sup>mo</sup> sr. dr. Ferreira da Silva, é administrada a cá-

techese, desempenhando este mister, as mais das vezes, os seminaristas theologos

Na Sé, o muito rev.<sup>o</sup> conego Teixeira, zeloso director do Apostolado da Oração, n'esta diocese, prepara grande numero de creanças para a primeira communhão nas festas do Sagrado Coração de Jesus, que são sempre feitas com grande luzimento e enthusiasmo.

No seminario, o muito rev.<sup>o</sup> e illustre vice-reitor, não se tem poupado a trabalhos e esforços para levantar o estabelecimento á altura de um estabelecimento de primeira ordem, e para que as festas se façam com o maior brilho e edificação possiveis, tomando boa parte os alumnos que assim vão ganhando gosto pelas festas religiosas para depois, animados de verdadeiro espirito sacerdotal, irem desenvolver a acção religiosa em suas freguezias, como acontece com os padres ultimamente nomeados, desde 1890, que tem sabido honrar a casa que lhe deu a vida espiritual, no que sua ex.<sup>a</sup> rev.<sup>ma</sup> e o digno vice-reitor, o ex.<sup>mo</sup> sr. dr. Ferreira da Silva, devem experimentar grande satisfação por verem que os esforços e cuidados por elles empregados e pelos demais perceptores e directores do Seminario, vão sendo coroados de bons fructos. Padres em acção legitima são os que vae formando o zelosissimo prelado com a activa e zelosa cooperação do illustre vice-reitor.

— Na ilha de Santo Antão as festas religiosas são sempre celebradas com esplendor e enthusiasmo. E' um encanto assistir á Semana Santa na matriz de Nossa Senhora do Rosario, a maior igreja da provincia. Reunem-se alli os reverendos parochos da ilha, os quaes imprimem á festa uma imponencia deslumbrante. São sempre escutados com religioso recolhimento os bons sermões pregados, qor occasião da Semana Santa, pelos rev.<sup>os</sup> Julio José Salgado, Miguel Antonio Monteiro e Antão Manuel de Oliveira.

Além de outras festas, celebradas com extraordinaria concorrência de povo, temos a do Sagrado Coração de Jesus que tem sido deslumbrante, havendo sempre grande numero de communhões, mormente em S. Crucifixo e Santo Antonio do Paúl.

Na Boa Vista o muito rev.<sup>o</sup> conego Teixeira, quando parochou alli, promoveu a acção religiosa de tal modo que não lhe ficou aldeia, onde não fizesse sentir o seu zelo pela instrucção religiosa, desenvolvendo a devoção ao Sagrado Coração de Jesus, celebrando as festas com extraordinario e inexcidivel luzimento; e os seus successores rev.<sup>os</sup> Domingos A. Rodrigues e Porfirio P. Tavares, tem procurado sustentar a empreza de seu zeloso antecessor.

Em S. Vicente o rev.<sup>o</sup> Loff não tem descurado a catechese e as festas religiosas, mormente a do Sagrado Coração de Jesus; e ha sempre grande concorrência e religioso recolhimento, como observamos,

Para rematarmos esta já longa exposição, vamos passar em relance a historia da diocese, até ao ponto de comparação do sr. Silva Campos, para evidenciarmos que longe de ter havido decadencia, pelo contrario tem havido grande progresso, ha vinte annos a esta parte.

Escalpando o passado, encontramos o povo immerso na ignorancia dos rudimentos da religião e moral, e só, de quando em quando, enxergamos a mão generosa d'um prelado, n'um ou n'outro ponto, deramando a instrucção religiosa e moral, como fez D. Fr. Christovam de S. Boaventura em S. Nicolau e D. Fr. Pedro Jacintho Valente em Sauto Antão.

A diocese esteve muitos annos em viuvez, e de 1850 a 1858 encontramos algumas tentativas de D. Patricio Xavier de Moura para restabelecer a disciplina eccl-

siastica, e reformar o clero, que na maioria era ignorante e sem a vocação e habilitações necessarias.

Ora com elementos tão pouco maleaveis pouco podia fazer o zeloso prelado.

De 1858 a 1868 não houve bispo e nada se fez n'este largo periodo. Sem bispo e sem padres podemos já ajuizar do que seria o estado da religião n'aquelles tempos. Já vê o illustre sr. Silva Campos, que foi mal informado quando escreveu o seu artigo, pois podemos dizer que ha vinte annos a esta parte a religião tem progredido de modo mui sensivel como já mostramos.

O clero é composto de padres de acção legitima, a instrucção religiosa do povo não é descurada, o venerando Prelado, com suas sabias e prudentes instrucções vae encaminhando a todos ao verdadeiro caminho que conduz á patria celeste.

Fiquemos hoje por aqui.

Santo Antão.

P. MONTEIRO.

## O FURNECO

Ninguém em Cabo Verde desconhece esse costume, seguido ainda em algumas das ilhas, e especialmente na Brava.

Damos hoje publicidade a um curioso documento sobre o assumpto.

Eil o :

«D. Patricio Xavier de Moura por mercê de Deus e da Santa Sé Apostolica, Bispo de Cabo Verde, do Conselho de Sua Magestade, etc.

«A todos os que esta Nossa Provisão virem saule, benção e paz em Jesus Christo, que é o Nosso Senhor e Salvador. Fazemos saber que tendo Nós vindo para este nos-o Bispado com a intenção de desempenhar o Nosso Pastoral officio conforme o que recommenda o Apostolo São Paulo na sua segunda Epistola ao seu discipulo Thimoteo—«Tu vero vigila in omnibus labora, opus fac Evangelista ministerium tuum imple», tendo Nós até agora empregado todas as Nossas forças para emendar erros, desterrar abusos, reformar costumes e plantar virtudes por isso que somos responsaveis no Tribunal Divino, não só das Nossas omissões, mas igualmente das culpas dos Nossos subditos, como diz o Senhor pela bocca do Sabio.—«Eu lhe pedirei uma estreita conta do meu Rebanho» —fazendo o juizo mais rigoroso aos Prelados de sua Egreja; e devendo Nós reformar o inaudito e reprehensivel costume que em algumas ilhas d'esta Diocese se introduziu, e que já teriamos reformado, e contra elle clamado, se a perigosa e ditada enfermidade que temos padecido Nos não tivesse redusido quasi á extremidade, e tirado todas as forças assim phisicas como moraes, de insultar com palavras e assuadas, e até algumas vezes passando a vias de facto, aquellas pessoas que passam a segundas nupcias, sem se lembrarem que as leis civis reprovam e punem severamente os insultos e assuadas, e que n'este caso o insulto não é só dirigido ás pessoas que contraem o sacramento, mas igualmente ao mesmo sacramento, o que é digno de um severo castigo por isso que as leis canonicas fundadas na doutrina do Apostolo S. Paulo, permitem as segundas nupcias; não devendo Nós tolerar um tão reprehensivel costume, que só pode ser obra de Satanaz, de que podem resultar graves consequencias, e que é contra os preceitos da Religião principalmente do da caridade, que como diz o Apostolo é fundamento de

toda a lei, e que nos manda amar o proximo da mesma sorte, que a nós nos amamos, e a não fazer-lhe aquillo que não queremos que a nós nos façam; determinamos que os Reverendos Parochos façam vêr aos seus freguezes nas catecheses ou praticas que aos domingos lhes devem fazer, conforme o disposto na Constituição Diocesana, Livro 3.º, titulo 16.—Decreto 2.º, § 1.º, o crime em que incorrem os que praticarem um tal costume a que vulgarmente se chama «Fornéco teco», e que mais propriamente se deve dar o nome de abuso e desprezo das leis civis e canonicas, e quanto estiver ao seu alcance, evitem a repetição de taes actos que offendem a moral publica, que ferem os preceitos mais sagrados da Religião, e que depõem em desabono do povo que os pratica, por ser só proprio de barbaros semelhante costume, e persuada aos seus freguezes a a que se portem como christãos, e quando as suas admoestações sejam infructiferas (o que não esperamos) requisitem das competentes auctoridades auxilios para que taes abusos se não pratiquem entre povos christãos que devem ser o symbolo da modestia, da moderação e da caridade.—E para que esta Nossa determinação chegue á noticia de todos e ninguem possa allegar ignorancia mandamos que esta Nossa Provisão seja lida e publicada á estação da missa conventual na Nossa Sé Cathedral e em todas as Igrejas d'esta Diocese em tres domingos consecutivos, e seja depois registada no livro das Pastoraes e Provisões que deve haver no cartorio das Igrejas. Dada e passada em a Nossa Episcopal Residencia da Villa de S. Felipe na ilha do Fogo sob Nosso signal e sello das Nossas armas aos 18 de Dezembro de 1851.—E eu o conego José Maria Pinto, Pro secretario de Sua Ex.<sup>ma</sup> Rev.<sup>ma</sup> que a escrevi e subscrevi (ass.) *Patricio*, Bispo de Cabo Verde.

## RESENHA NOTICIOSA

### CIDADE DA PRAIA

Tem chovido regularmente no interior da ilha de S. Thiago desde 22 de julho ultimo. Os campos estão cobertos de verdura e as sementeiras feitas, havendo milho, já crescido nos pontos elevados.

—Segue para Lisboa no vapor «Casengo» o juiz de direito da comarca de Sotavento, sr. Alvaro de Fornellos.

—Falleceu no dia 9 do passado a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Feliciano Rodrigues de Castro, esposa do sr. Carlos Augusto de Castro, secretario geral interino e irmã do sr. Eduardo José Rodrigues Fernandes.

Os nossos pezames a sua familia.

—Foi em visita ao Tarrafal, extremo norte d'esta ilha o sr. Governador, acompanhado do director das obras publicas. Seguiu para ali na canhoneira *Mandory* a 9 e regressou a 11 de agosto.

—Fez exame para advogar nos auditorios da comarca de Sotavento o sr. Viriato da Fonseca, tenente de artilheria.

—Tem ultimamente grassado com intensidade a tosse convulsa, na cidade, atacando mesmo individuos adultos.

—Foi pedida em casamento a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Elsie de Paula Rosa, filha do sr. Francisco de Paula Rosa, negociante d'esta praça, pelo sr. João Silva Pereira, filho do sr. Pedro Alexandrino da Silva Pereira, abastado proprietario e agricultor.

—Passou bastante doente, com uma peneumonia o nosso amigo sr. Paulo Xavier do Crato 2.º escripturario de fazenda, achando-se porem, hoje em franca convalescença.

Os nossos parabens.

—Foi encarregado provisoriamente da delegação de saude da Ilha de S.<sup>ta</sup> Antão, o facultativo reformado sr. Joaquim Esmeraldo Nobre.

—Falleceu a 31 de julho ultimo a esposa do sr. Herculano de Noronha, amanuense da Secretaria do Governo.

—Estão-se fazendo sementeiras e plantações de purgueira e de algodão, nos terrenos a oeste da cidade da Praia.

Para que vinguem e não sejam destruidas como as anteriores é necessario, tornar effectiva a prohibição da divagação de gado suino e caprino, sem pastores.

—Está actualmente parochiando na cidade da Praia o sr. Antonio Innocencio dos Santos, parcho da freguezia de S. João Baptista, durante a licença do presbytero sr. Antonio Duarte da Graça.

—Choveu a 11 de agosto.

—No dia 15 de agosto, teve lugar a festividade de Nossa Senhora da Graça, orago da freguezia da capital.

Eram festeiros o sr. Augusto da Silva Lima e sua esposa.

De manhã teve lugar a missa solemne, achando-se o templo vistosamente adornado de flores e verdura.

A tarde sahiu a procissão, acompanhada de muitas damas e cavalheiros, a banda de bombeiros, uma força da companhia de artilheria e grande concurso de povo.

A noute houve *soirée* em casa do sr. Lima, que esteve muito concorrida e animada até ás 4 horas da manhã, em que se dançava o *cotillon*.

O sr. Lima e esposa com a delicadeza e amabilidade que os caracterizam, deixaram captivados todos os seus convidados.

—A noticia grave e alarmante que acabou de receber-se de grassar no Porto a peste bubonica, deixou impressionados todos os animos d'esta cidade.

Alem de todos mais ou menos terem familia ou amigos em Portugal são grandes os prejuizos que podem advir ao commercio. Consta-nos que já foram dadas ordens e tomadas providencias, pelas auctoridades competentes para salvaguardar a provincia da terrivel epidemia.

—Consta que na ilha do Fogo a invasão dos gafanhotos se alastrou de forma espantosa e que, por isso, se adoptaram medidas energicas que os extinguir.

## A UNS OLHOS

Com detalhes, algo estranhos, conta um astrónomo inglez, que ha talvez dezoito annos, na noite de Santa Ignéz;

contemplava absorto e ledó, as esferas rutilantes, viu do céu terem fugido duas estrellas brilhantes.

Ao sabio, que era profundo, dava o caso que pensar, assestava o telescúpio, e empre, sempre a procurar.

Oh! sciencia pobre e mesquinha, que ignora: que este incidente, na noute que tu nasceste occorreu precisamente.

Se visses o fulgor estranho de tuas pupillas bellas, saberia o paradeiro d'essas perdidas estrellas.

Praia.

A. DE A.

## SECÇÃO DE ANNUNCIOS

L. Loff encarrega-se de tratar de negocios judiciaes; e nisa escripturação, contabilidade commercial, e francez.

### Para a collecção da REVISTA DE CABO VERDE

Vende-se na redacção em S. Vicente :

N.º 1.....	400
» 2 e 3 cada.....	250
» 4 em diante.....	120

### TRABALHOS TYPOGRAPHICOS

L. Loff, administrador da *Revista de Cabo Verde*, recebe encomendas de quaesquer trabalhos typographicos, como facturas, circulares, talões, bilhetes de visita, folhetos, livros, etc. Execução rapida e preços modicos.

## O CRIME DA SOCIEDADE

Romance original de João Chagas

A' venda no escriptorio de L. Loff. S. Vicente.